

Sobre as Parábolas

Vincent Cheung

Fonte: Extraído e traduzido do livro *The Parables of Jesus*, de Vincent Cheung, páginas 4-10, por Felipe Sabino de Araújo Neto.

1. SOBRE AS PARÁBOLAS

O Antigo Testamento foi escrito no idioma hebraico, mas no tempo em que Jesus nasceu havia uma tradução grega do Antigo Testamento chamada a Septuaginta, porque tinha sido produzida por setenta eruditos. A Septuaginta é frequentemente representada por LXX nos livros e comentários.

Agora, a palavra hebraica para parábola é *masal*, e é usada trinta e nove vezes no Antigo Testamento. Em vinte e oito daquelas trinta e nove ocorrências, a palavra grega usada para traduzir *masal* é *parabole*. Em outras palavras, a palavra hebraica para parábola, ou *masal*, é usada trinta e nove vezes nos manuscritos originais do Antigo Testamento, e dessas trinta e nove vezes, a palavra grega *parabole* é usada para traduzir vinte e oito ocorrências dessa palavra na LXX. Ao observar as ocorrências de *masal* sendo traduzidas como *parabole*, uma pessoa pode derivar a variação de significados para a palavra “parábola”.

Embora isso nos diga como alguns eruditos têm chegado às suas definições de uma parábola, diferentes eruditos podem usar definições ligeiramente diferentes, e, portanto, o que parece ser uma parábola para um, pode não parecer para outro. Contudo, os desacordos raramente são significantes o suficiente para tornar a comunicação e o estudo significante impossíveis.

A palavra grega para parábola é *parabole* – ela é uma palavra grega composta que significa “colocar de lado”. No uso bíblico, uma parábola compara ou contrasta uma realidade natural com uma verdade espiritual. E assim, quando lendo os Evangelhos, algumas vezes você verá Jesus dizendo tais coisas como: “O Reino dos céus é como...” (Mateus 13:24), ou “Com que se parece o Reino de Deus? Com que o compararei?” (Lucas 13:18).

Por que usar parábolas? Uma explicação popular, porém equivocada, é que Jesus usou-as para tornar as verdades espirituais mais fáceis para a sua audiência entender. Você pode ouvir alguns pregadores dizerem: “Deus sempre torna as coisas mais simples. Por exemplo, Jesus usou parábolas enquanto ele estava ensinado às multidões. Ele usou coisas tiradas da vida diária deles para explicar-lhes verdades espirituais”.

Alguns pregadores encorajam seus companheiros ministros a serem mais imaginativos e divertidos ao comunicar as verdades espirituais pelo uso de narrações e parábolas em seus sermões. Contudo, os próprios apóstolos nunca seguiram a prática de Cristo de usar parábolas, indicando que é desnecessário para os ministros de hoje usar os assim

chamados métodos criativos na pregação. Jesus tinha um propósito distinto ao usar parábolas, e não era tornar as verdades espirituais mais fáceis de se entender. Em nossas apresentações, é melhor comunicar o conhecimento bíblico através de exposições estruturadas, o próprio método que muitas pessoas hoje consideram muito maçante e sem imaginação.¹

Deixe-me explicar o porquê é errado dizer que Jesus usou parábolas para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender.

Em primeiro lugar, seus discípulos não entenderam nem mesmo a parábola fundacional até que Jesus a explicasse para eles. Após contar à sua audiência a parábola do semeador em Marcos 4:2-9, seus discípulos chegaram até ele no versículo 10, pedindo a interpretação: “Quando ele ficou sozinho, os Doze e os outros que estavam ao seu redor lhe fizeram perguntas acerca das parábolas”. Até mesmo seus discípulos mais íntimos, incluindo os Doze, não entenderam a parábola.

Jesus respondeu: “Vocês não entendem esta parábola? Como, então, compreenderão todas as outras?” (Marcos 4:13). A parábola do semeador é uma parábola fundacional, e Jesus diz aqui que falhar em entender essa implica que a pessoa falhará também em entender todas as outras parábolas. Contudo, até mesmo os dozes apóstolos não entenderam essa parábola até que ela lhes fosse explicada. Portanto, é um engano dizer que Jesus usou parábolas para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender, visto que até mesmo aqueles que deveriam entendê-la falharam em fazê-lo. Mas os discípulos parecem não ter tido nenhum problema para entender a explicação da parábola, dada em discurso claro.

Algumas pessoas reivindicam que as verdades espirituais são de fato mais difíceis de entender se transmitidas em discurso claro, sem o uso de parábolas ou alegorias. Mas eu me pergunto como alguém que alguma vez já ouviu ou comunicou qualquer verdade espiritual pode sinceramente afirmar isso. Em João 16:29-30, os próprios discípulos declaram que era mais fácil entender o que Jesus estava dizendo quando ele falava “claramente” *do que quando* usando “figuras [de linguagem]”. “Então os discípulos de Jesus disseram: ‘Agora estás falando claramente, e não por figuras. Agora podemos perceber que sabes todas as coisas e nem precisas que te façam perguntas. Por isso cremos que vieste de Deus’”.²

O versículo 29 mostra que provérbios, parábolas, e figuras de linguagem não tornam necessariamente as verdades espirituais mais fáceis de entender; antes, elas frequentemente obscurecem as verdades espirituais até que as explicações sejam dadas em discurso claro. Os discípulos obviamente preferiam a linguagem direta e não-metafórica.

Para parafrasear, os discípulos estão dizendo para Jesus: “Você parou de usar figuras de linguagem, parábolas e provérbios. Ao invés disso, você está falando claramente e sem ambigüidade. Por causa disso, agora entendemos o que você está dizendo. E sob o entendimento do que você está dizendo, agora temos um maior reconhecimento dos discernimentos divinos em suas palavras, de forma que percebemos que sabes todas as coisas, e cremos que foste enviado por Deus”.

¹ Veja Vincent Cheung, *Pregue a Palavra*.

² “Figuras de linguagem” (NIV) aqui pode se referir a “provérbios” ou parábolas.

Visto que foi através do discurso claro que Jesus foi capaz de revelar sua grandeza aos discípulos, isso implica que a figura de linguagem frequentemente obscurece sua grandeza. Quando Jesus falava em parábolas, muitas pessoas na audiência não podiam entendê-lo, e, portanto, falhavam em apreciar a largura e a profundidade dos discernimentos divinos em suas palavras. Mas quando Jesus falava claramente, aqueles que ouviam podiam mais rapidamente reconhecer o conhecimento e autoridade que ele possuía.

Não somente os discípulos falharam em entender a parábola fundacional, mas eles também falharam em entender muitas das outras parábolas. Mateus 13:34-36 diz:

Jesus falou todas estas coisas à multidão por parábolas. Nada lhes dizia sem usar alguma parábola, cumprindo-se, assim, o que fora dito pelo profeta: “Abrirei minha boca em parábolas, proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo”. Então ele deixou a multidão e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se dele e pediram: “Explica-nos a parábola do joio no campo”.

Os discípulos não somente falharam em entender a parábola do semeador, mas também a parábola do joio no campo.

Visto que João 16:29-30 mostra que os discípulos acharam os ensinamentos de Jesus fáceis de entender somente quando ele falava em discurso claro, ao invés de em parábolas, é provável que eles falharam em entender muitas ou a maioria das parábolas que Jesus falou até que ele lhes desse as interpretações corretas daquelas parábolas. Mas a vasta maioria dos seus ouvintes nunca teve a oportunidade de ouvir aquelas explicações, visto que Jesus expôs as mesmas em privado aos seus discípulos mais íntimos.

Os discípulos parecem reconhecer que, como eles mesmos, as pessoas não podiam entender as parábolas de Jesus, e assim, eles perguntaram a Jesus o porquê ele as usava: “Os discípulos aproximaram-se dele e perguntaram: ‘Por que falas ao povo por parábolas?’” (Mateus 13:10). Em outras palavras, eles estavam dizendo: “Por que falas a eles em parábolas? Por que não dizes a eles simplesmente o que você quer dizer? Por que tens que obscurecer o seu significado através do uso de parábolas?”.

Então, o próprio Jesus admitiu que o uso das parábolas evitaria que muitas pessoas entendessem seus ensinamentos, e que essa era a sua própria intenção:

Ele respondeu: “A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do reino dos céus, mas a eles não... Por essa razão eu lhes falo por parábolas: ‘Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão’” (Mateus 13:11, 13-14).

Jesus usou parábolas principalmente não para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender; antes, o próprio oposto era verdade, de forma que pelo menos um das razões pelas quais ele usou parábolas foi para obscurecer o significado de seus ensinamentos.

Retornando para Mateus 13:13-14: “Por essa razão eu lhes falo por parábolas: ‘Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão’”. Assim, Jesus usou parábolas como os meios pelos quais ele ocultaria as verdades espirituais daqueles a quem Deus tinha ordenado que permanecessem sem iluminação. Em contraste, Jesus falou em parábolas para que por meio *das explicações* dessas parábolas a indivíduos selecionados, ele concedesse entendimento espiritual àqueles a quem Deus tinha ordenado serem iluminados.

Parábolas requerem muito pensamento para captar seu significado. Uma pessoa que realmente procura a Deus deverá buscar, se esforçar, pensar e perguntar até que ela possa encontrar o significado da parábola. E então ela refletirá sobre o assunto, traçando todos os significados que ela poderia tirar da parábola para que possa aprender tudo o que for possível sobre Deus... Jesus queria ocultar a verdade das mentes fechadas... a [mente] carnal não está disposta a tomar o tempo ou o esforço necessário para encontrar o significado da parábola. Jesus realmente diz que ele queria que o significado fosse oculto das mentes fechadas.³

Se Deus abriu sua mente para a sua palavra (Atos 16:14), então você irá sincera e diligentemente buscá-lo pensando seriamente sobre as palavras da Escritura, e esse é o meio pelo qual Deus lhe concederá mais entendimento espiritual. Como Paulo escreve: “Refleta no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo” (2 Timóteo 2:7).

Dessa forma, as parábolas podem ajudar o crescimento espiritual de alguém que busca a Deus, visto que essa pessoa precisa submergir nas parábolas e suas explicações. Por outro lado, essas parábolas impedirão uma pessoa cuja mente não foi aberta por Deus, visto que ela não buscará sincera e diligentemente o entendimento espiritual como alguém cuja mente foi aberta por Deus.

Contudo, se as “parábolas requerem muito pensamento para captar seu significado”, por que muitas pessoas pensam que elas são mais fáceis de entender? Também, se as parábolas são muito difíceis, porque alguém assumiria que Jesus as usou para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender?⁴

A resposta é que as parábolas parecem ser mais fáceis de entender do que elas realmente são porque a Bíblia inclui as interpretações de muitas delas, e essas explicações não estavam disponíveis àqueles que primeiramente ouviram as parábolas, com a exceção dos discípulos mais íntimos de Jesus.

Por exemplo, após relatar a parábola do semeador, a Bíblia também inclui sua interpretação. Na passagem, Jesus fala sobre uma pessoa semeando semente no chão,

³ *Practical Word Studies in the New Testament, Vol. 2*; Alpha-Omega Ministries, Inc., 1998; p.1500-1501.

⁴ Em todo caso, muitos daqueles que pensam que as parábolas são fáceis de entender, frequentemente interpretam incorretamente as mesmas.

mas visto que havia diferentes tipos de solo, as sementes se comportaram diferentemente em cada tipo. Após isso, quando ele está sozinho com os discípulos, ele explica que a semente era a palavra de Deus, e os tipos diferentes de solo representavam as diferentes condições internas nas pessoas.

Sem essa explicação, como podemos supor saber que a semente é realmente a palavra de Deus? É concebível que a semente possa representar outras coisas além da palavra de Deus, sem danificar a coerência da estória. Sem uma explicação direta, alguém pode não ser capaz de dizer o que a parábola significa. Embora nenhuma interpretação explícita seja dada para algumas das parábolas na Bíblia, os Evangelhos as coloca dentro de contextos definitivos, fazendo possível entendê-las. Dado os contextos apropriados, os significados de algumas parábolas se tornam óbvios (veja Marcos 12:12), mesmo sem explicações explícitas.

Embora haja princípios básicos que uma pessoa deva observar quando lendo qualquer parte da Bíblia, tal como respeitar o contexto da passagem, há princípios específicos para se entender as parábolas.

Cada parábola contém uma idéia principal. Uma vez que tenhamos descoberto a mesma, ela deve governar nossa interpretação e aplicação da parábola. Embora alguns têm argumentado que algumas parábolas contém várias idéias principais, podemos estar certos de que é um equívoco derivar várias doutrinas e aplicações de cada parábola. Mas muitos cristãos cometem esse erro.

Nem todo detalhe numa parábola simboliza algo. Muitas pessoas vasculham cada parábola tentando descobrir o que cada objeto ou pessoa na parábola representam: “O que isso significa? O que aquilo significa?”. Algumas vezes um certo objeto ou pessoa não representam algo doutrinariamente significante por si mesmo. Ele está ali simplesmente como parte da história.

Deixe-me dar dois exemplos. O primeiro vem de Mateus 22:10-13, onde lemos:

Então os servos saíram para as ruas e reuniram todas as pessoas que puderam encontrar, gente boa e gente má, e a sala do banquete de casamento ficou cheia de convidados. “Mas quando o rei entrou para ver os convidados, notou ali um homem que não estava usando veste nupcial. E lhe perguntou: “Amigo, como você entrou aqui sem veste nupcial?” O homem emudeceu. Então o rei disse aos que serviam: “Amarrem-lhe as mãos e os pés, e lancem-no para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes”.

Alguns cristãos interpretam a “veste nupcial” nessa parábola como o batismo com água, concluindo que uma pessoa não é salva sem ter sido batizada em água. Eles também afirmam que o costume da igreja primitiva era fornecer vestes aos candidatos batismais, e essas são as vestes nupciais nesta parábola. Mas os eruditos não podem encontrar nenhuma evidência de que tal costume existiu, e não há nenhuma indicação que a “veste nupcial” na parábola se refira ao batismo com água.

Baseado nessa parábola somente, ninguém pode afirmar que alguém sofrerá o castigo eterno no inferno se ele professa Cristo sem ser também batizado em água. De fato, não temos nenhuma indicação de que qualquer parte dela ao menos se dirija ao tópico de batismo. Para dizer de outra forma, isso é impor as pressuposições teológicas de alguém sobre a passagem.

Outro exemplo vem de Lucas 10:27-37, ou a parábola do Bom Samaritano:

Ele respondeu: “‘Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento’ ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’”. Disse Jesus: “Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá”. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Em resposta, disse Jesus: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: ‘Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’. “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?”. “Aquele que teve misericórdia dele”, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: “Vá e faça o mesmo”.

Agostinho interpretou essa parábola da seguinte forma: o homem é Adão; Jerusalém é a cidade celestial; Jericó é a lua, representando a mortalidade; os ladrões são Satanás e os demônios; tirar as roupas do homem representa remover a imortalidade do homem; espancá-lo representa fazê-lo pecar; o sacerdote e o levita são o sacerdócio e o sistema religioso do Antigo Testamento; o samaritano é Jesus; enfaixar as feridas representa a contenção do pecado; o óleo e o vinho representam esperança e encorajamento; o animal é a Encarnação; a hospedaria é a igreja; o dia seguinte é após a ressurreição de Cristo; o hospedeiro representa o apóstolo Paulo; as duas moedas de prata são os dois mandamentos de amor; e a promessa de pagar se for gasto mais é a promessa da vida porvir.

O mínimo que se pode dizer é que essa interpretação é extremamente impossível. Dependendo das suas pressuposições teológicas, uma pessoa pode forçar os objetos na parábola representarem diferentes coisas, e aparentemente sem destruir a coerência da história. Para o pentecostal, o óleo pode ser a regeneração e o vinho pode ser o batismo do Espírito Santo. Para o dispensacionalista, as duas moedas de prata podem representar dois mil anos.

Contudo, não há nenhuma base legítima a partir da qual possamos afirmar qualquer uma dessas opiniões. Assim, deveríamos evitar tentar fazer com que cada objeto na parábola

represente alguma coisa; antes, deveríamos nos focar sobre a ênfase principal da parábola. Nesse caso, Jesus está respondendo à pergunta “quem é o meu próximo?”. O contexto deveria estabelecer os limites para a interpretação.

Você pode ter estado em grupos de estudo bíblico onde as pessoas ocupam-se em expressar suas opiniões sobre as passagens que estão estudando. Você pode as ter ouvido dizer: “Eu penso que isso significa...”, “Para mim isso significa”, ou “O Espírito Santo me mostrou que isso significa...”, quando na realidade elas não têm nenhuma idéia do que as passagens significam. Tais exhibições vergonhosas podem ser vistas em toda seção, e as parábolas de Jesus não estão imunes ao abuso deles.

Se um grupo de estudo bíblico não tem um líder versado, ou se o líder está ali apenas para manter a ordem, então ele pode rapidamente se degenerar num lugar que encoraja as opiniões ignorantes e subjetivas com respeito às coisas de Deus. Nenhuma edificação genuína ocorre; antes, várias opiniões contraditórias são oferecidas, todas das quais podem estar equivocadas, resultando numa grande confusão. Mas para evitar ofender alguém, nenhuma interpretação é denunciada como falsa. Tal grupo não serve para nenhum propósito construtivo e deveria ser reestruturado ou desfeito. Tal abuso grosseiro da Escritura, onde as passagens bíblicas são reduzidas a veículos para expressar as opiniões privadas de alguém, deve cessar para que o verdadeiro crescimento espiritual ocorra.

Pedro adverte que as pessoas ignorantes e instáveis distorcem a Escritura para a própria destruição delas (2 Pedro 3:16). Muitos cristãos cobiçam o privilégio de serem ouvidos, mas desdenham da responsabilidade de se prepararem para discussões inteligentes através de estudos teológicos vigorosos. Aqueles que não estão qualificados para oferecer contribuições significantes para a discussão bíblica deveriam permanecer calados, e aprender a partir de outros até que eles comecem a amadurecer no entendimento. A interpretação bíblica não é uma disciplina democrática, onde a opinião de todo mundo conta. Como Eclesiastes 5:1-3 diz:

Quando você for ao santuário de Deus, seja reverente. Quem se aproxima para ouvir é melhor do que os tolos que oferecem sacrifício sem saber que estão agindo mal. Não seja precipitado de lábios, nem apressado de coração para fazer promessas diante de Deus. Deus está nos céus, e você está na terra, por isso, fale pouco. Das muitas ocupações brotam sonhos; do muito falar nasce a prosa vã do tolo.

Em adição, Tiago 3:1 diz: “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor”. Considerando a falta de conhecimento bíblico preciso nos cristãos de hoje em dia, a maioria deles não deveria presumir ser mestres, mas antes deveriam permanecer calados na igreja, até que a sua ignorância e infidelidade às Escrituras tivessem sido remediadas.